

# O PODER DA MÍDIA

O CINEASTA SÍLVIO TENDLER ASSUME A SECRETARIA DE CULTURA DO DF NO LUGAR DE MARIA DUARTE, QUE RECLAMA DA FALTA DE ÉTICA

MARCO TÚLIO ALENCAR

O novo secretário de Cultura do DF é o cineasta Sílvio Tendler. Ele substitui a arte-educadora Maria Duarte que permaneceu 400 atribulados dias, à frente da pasta. A escolha de Sílvio Tendler, que até ontem ocupava a direção de programação da TV Brasília e da produtora Brasília Vídeo, é uma cartada decisiva do governador Cristovam Buarque, que substituiu um nome de alcance local por uma figura de repercussão nacional (leia box).

Descontente com notícias atribuídas a fontes do Palácio do Buriti que davam como certa a substituição, Maria Duarte acertou sua saída da equipe do GDF ontem pela manhã, numa reunião com o governador Cristovam Buarque, em Águas Claras. À tarde a ex-secretária entregou seu pedido de demissão.

A ex-secretária classificou de "antiética, irresponsável e injusta" a postura de integrantes do governo que anteciparam a sua saída. "As fontes que divulgaram essas informações carecem de princípios éticos, principalmente se tratando de um governo democrático", declarou. Maria Duarte também criticou a postura de integrantes do GDF que divulgaram a possível fusão entre a Secretaria de Cultura e a Secretaria de Educação. "Não podia ser divulgada uma ideia como essa sem ao menos a Secretaria de Cultura ter sido consultada", afirmou.

Mesmo fazendo críticas, Maria Duarte diz que a sua relação com o governador "continua muito boa". Ontem, enquanto se preparava para entregar a carta de demissão, a ex-secretária fez uma avaliação de sua gestão e falou dos seus projetos - que incluem "fazenda, praia e a China" - ao **Caderno 2**.

**- Por que a senhora deixa a Secretaria de Cultura?**

- Essa foi uma situação inesperada. Na verdade, eu achei muito ruim como as coisas foram conduzidas. Não podia, por exemplo, ser divulgada a ideia de que a Secretaria de Cultura poderia sofrer fusão sem antes combinar com a sua equipe. Além disso, se divulgou uma avaliação da pasta sem que ninguém da área tivesse tido a oportunidade de se manifestar sobre o assunto. Claro que o governo pode tomar as decisões que quiser, mas levar essas questões ao meu conhecimento através da imprensa demonstra que falta, em algumas pessoas, princípios como ética, responsabilidade e justiça, dentro de um governo democrático.

**- A senhora leva mágoas desse episódio?**

- Na verdade, essa função de secretária de Cultura, como todos os outros cargos de confiança, é passível de mudança. São cargos que mudam quando devem mudar. Quando o governo avalia que é chegado o momento. Durante todo tempo, o governador sabia que na hora em que precisasse do cargo, eu o colocaria à sua disposição. Em todo caso, a minha relação com o governador é muito boa.

**- Qual a avaliação que a senhora faz destes 400 dias à frente da pasta da Cultura?**

- Uma avaliação positiva. Aliás não é de hoje que faço esta avaliação. No mês passado concluímos um relatório que começa a ser divulgado amanhã (hoje) que tem o nome de *Prestando Contas*. É um relatório de uso público com as ações da área cultural ao longo do primeiro ano do governo.

**- Muita coisa deixa de ser feita. A senhora sai frustrada?**

- Nós só atingimos um quarto do caminho. Muita coisa fica pelo meio. Mas não causa frustração. O primeiro ano de um governo é sempre muito difícil. É necessário se familiarizar com a máquina. Além disso, há a carência de recursos.

**- Muito se falou na dificuldade de relacionamento entre a senhora, os integrantes do PT e os funcionários da Secretaria ...**

- Na realidade não existe dificuldade de relacionamento. Eu saio da Secretaria deixando muitos amigos. Houve um certo momento em que parte da Comissão de Cultura do PT fez críticas à minha gestão, tornadas públicas num documento. Mas, é preciso esclarecer que não se tratou do partido e nem mesmo os seus integrantes,



apenas uma parte da Comissão se manifestou. As reações de apoio, na verdade, somaram muito mais do que as críticas.

**- A classe artística também fez críticas**

**à sua gestão ...**

- Qualquer um que ocupe cargo público está sujeito a críticas. Mas, tenho a esperança de que as avaliações positivas serão muito maiores do que as críticas.

**- Foi dito ainda que, em relação aos servidores, a senhora não teve pulso para tomar as decisões necessárias ...**

- Tenho uma história de vida de decisões. Mas, ocupando um cargo no governo, tinha de ser ponderada, não podia sair por aí desfraldando bandeiras. No caso do relacionamento com o sindicato dos servidores da Cultura houve alguns equívocos. Primeiro, passamos um semestre querendo conciliar Sindicato e Secretaria. Não há como. O Sindicato é para atender os servidores, tem de ser corporativo. Houve uma confusão. Agora, espero que cada um, sindicato e governo, tenham encontrado seus caminhos.

**- E qual a sua opinião sobre uma possível fusão das secretarias de Cultura e Educação?**

- Na época em que eu era chefe de gabinete do secretário Pompeu de Souza, eu deixei o governo porque discordava deste tipo de fusão. A Cultura só tem a perder com essa medida. O que a Secretaria da Cultura precisa é trabalhar articuladamente com a pasta da Educação, e isso nós já estamos conseguindo. Claro, que muitos projetos - por exemplo, o acesso de estudantes de escolas públicas das satélites ao Cine Brasília já é uma realidade - estão sendo realizados, mas para ficar do modo como imaginamos ainda falta muito.

**- Que projetos a senhora mais sente em ter que deixar?**

- A democratização do acesso à cultura e a reforma do Teatro Nacional.

**- E que recado a senhora deixa para o governo?**

- Que continue acreditando na cultura como uma força transformadora.

**- Quais são agora os seus planos?**

- Primeiro, eu só estou pensando em descansar. Meus planos incluem, pela ordem, uns dias na fazenda, outros na praia, e em seguida farei uma viagem para conhecer a China.

## REPERCUSSÃO

■ **Ary Pararrais**, diretor do Esquadrão da Vida: "Eu não posso avaliar a atividade da Secretaria de Cultura porque nem sei se ela estava lá. Foi incipiente. Não significou absolutamente nada. Eu tenho uma atividade nessa cidade que merece respeito, a gente recebe convites para sair com a companhia para fora, e ela nunca conversou comigo. Ela anulou qualquer avaliação na entrevista que deu ao próprio Jornal de Brasília, na qual dizia que não tinha podido fazer nada porque ainda estava lidando com as questões deixadas pelo governo anterior. E o que tentou articular foi de forma elitista. O difícil é ter uma política cultural. O governador está cego, espero que agora comece a enxergar."

■ **Eliana Carneiro**, bailarina e coreógrafa: "O trabalho que desenvolvi e tentei apresentar na Secretaria sofreu a mesma enrolação e padeceu da mesma burocracia de sempre. Foi um ano difícil e não acompanhei muito de perto, porque tive um problema pessoal. O que sei é que Maria Duarte empatou muito um filme, um curta do qual eu participei. Nem tenho como dizer todos os detalhes. A Secretaria tem uma burocracia enorme, funcionários que não são despedidos, uma série de coisas que precisa sofrer uma grande reviravolta: ou bota tudo abaixo ou fica na mesma lenga lenga. A atitude tinha que ser radical e faltou a ela dinâmica, atitudes mais radicais. Ela não cumpriu as metas a que se propôs, nem cumpriu com as ideias do partido."

■ **Jorge Antunes**, compositor e membro da Comissão de Cultura do PT: "Ela fez um bom trabalho. Acho que o que sobressaiu nela foram as promessas e esperanças. Não o que ela realizou, mas o que pensava realizar. Ela estava cheia de planos, enfrentando o problema de verbas. Foi bastante corajosa na tentativa de colocar a orquestra do Teatro Nacional nos eixos, isso eu presenciei, mas não teve sucesso. O Festival de Cinema, suntuoso, não posso dizer nada, foi a manutenção de uma tradição. Eu acho que o fracasso, se existiu, não pode ser colocado às costas dela, teria que ser atribuído ao governo como um todo. Falta um estilo petista, de colocar o artista onde o povo está. A tentativa de levar o povão ao teatro é um erro. O povão não quer saber de qualquer ranço, quer à rua."